

# Estado se esgotou, constata Sarney

De cofre vazio, Governo não investe nem nas necessidades mínimas

Deixando de lado o seu tom otimista ao falar sobre a situação do País, o presidente José Sarney afirmou ontem que o Estado brasileiro chegou à exaustão, devido à falência do seu modelo. "A verdade é que o Estado brasileiro chegou a um ponto de exaustão em que ele não tem recursos para gerir e atender às necessidades mínimas que competem ao Estado nos setores de saúde, de educação e dos demais serviços públicos. Não há recurso nenhum para investimentos de grande porte", sustentou Sarney. Acrescentou que a Assembleia Nacional Constituinte vai completar a institucionalização democrática do País, mas não resolverá os problemas conjunturais, especialmente os da economia e do esgotamento do Estado.

O presidente Sarney fez essas afirmações para os 150 estagiários da Escola Superior de Guerra, que foram ontem às 9 horas da manhã, ao Palácio do Planalto, cumprimentá-lo. Para mostrar que o Estado está falido, Sarney citou como exemplo a grande massa de recursos existente em 1974, que representava 24 por cento do seu Produto Interno Bruto (PIB). Atualmente, esse montante está reduzido a 20 por cento, lamentou. Naquele ano, lembrou o Presidente, a carga fiscal líquida era de 17 por cento, e hoje está reduzida a 8,8 por cento, o que "significa uma penúria de recursos total".

Em decorrência da falta de recursos, Sarney lembrou que o governo não tem outra alternativa a não ser

tomar empréstimos, através do lançamento de títulos do governo no mercado financeiro, que têm repercussões negativas, como a elevação das taxas de juros, aumento do endividamento interno e a ausência total de recursos para investimentos de qualquer tipo. A única fonte que o Estado tem à sua disposição, segundo Sarney, é a emissão de moeda, que representa um "potencial inflacionário extremamente perigoso", observou.

Mas esses problemas conjunturais, observou Sarney, são um desafio para as forças políticas. Sarney também acha que o modelo político brasileiro chegou à exaustão, porque não conseguiu consolidar partidos fortes, que representem a base de uma democracia estável. Outro modelo que, segundo ele, chegou ao fim é o da área industrial.

Os estagiários, comentou Sarney, tiveram uma oportunidade de estudar uma conjuntura extremamente rica no setor externo e interno. O externo foi caracterizado pela perestroika, política de reestruturação do líder soviético Mikhail Gorbachev, que possibilitou o acordo com os Estados Unidos para limitação dos mísseis de médio alcance. Já no lado interno, assistiram à transição política, que deu resposta a algumas perplexidades, como o final dos trabalhos constitucionais, a fixação do mandato do presidente da República, e o ajuste das contas externas e das contas internas.

JULIO ALCANTARA



Após os cumprimentos, Sarney fez uma análise pessimista para os estagiários da Escola de Guerra

## O QUE DISSE O PRESIDENTE

Mais uma vez, com uma grande satisfação, recebo os cumprimentos a apresentação da Escola Superior de Guerra, este instituto de tão grande prestígio no País e que se dedica ao estudo e a reflexão dos problemas nacionais, além da reciclagem do conhecimento profissional na área militar.

Este ano os senhores estagiários tiveram a oportunidade de estudar uma conjuntura extremamente rica no setor externo e no setor interno.

No setor externo, o fato de certo modo surpreendente da Perestroika, com o seu amadurecimento, que levou ao acordo das grandes potências, com a redução dos mísseis de alcance médio.

No setor interno, uma conjuntura que apresenta sua face mais visível na reta final do caminho da transição, com a resposta a algumas perplexidades, como o final da Assembleia Nacional Constituinte, a fixação do mandato do Presidente da República, o ajuste das nossas contas externas e das nossas contas internas.

Sem dúvida alguma, o País resolve os seus problemas de completar a institucionalização democrática, mas permanecem os problemas de natureza estrutural e dentreeles, sem dúvida, afloram o problema da economia e o problema do Estado brasileiro.

Eu acredito que no futuro este será, sobretudo, o grande desafio que nós temos: a organização de forças políticas capazes de operar o poder civil no Brasil e de repensar os modelos políticos.

Estamos chegando ao fim e à exaustão de um modelo que na área industrial significou a substituição de importações com recursos da área externa à disposição do País. Estamos chegando à exaustão de um modelo político que não conseguia consolidar partidos fortes. E partidos fortes significam a base de uma democracia estável.

Estamos também vivendo uma crise do Estado brasileiro. Aquele Estado que era o grande Estado protetor, o Estado que resolvia tudo, o Estado que assegurava todas as soluções e que era um modelo de Estado salvador, este, sem dúvida, chegou também à exaustão.

Não se trata, portanto, hoje, de discutir se ideologicamente o Estado deve ser intervencionista ou não intervencionista. Se ele doutrinarmente deve ser

um Estado distributivista ou se ele deve ser um Estado não distributivista.

A verdade é que o Estado brasileiro chegou a um ponto de exaustão em que ele não tem recursos para gerir e atender às necessidades mínimas que compete ao Estado nos setores de saúde, de educação e dos demais serviços públicos. Sem dispor de recursos nenhum para investimentos de grande porte.

Basta dizer, para dar números, que em 1974 dispunha o País de uma massa bruta de recursos da ordem de 24 por cento do seu PIB. Ele hoje está reduzido a 20 por cento. E na carga fiscal líquida, que foi de 13 por cento em 74, hoje está reduzido a 8,8 por cento. O que significa uma penúria de recursos total que faz com que o Estado seja um tomador de recursos emprestados. Lançando títulos no mercado, com suas repercussões. E essas repercussões são o aumento da taxa de juros, aumento de endividamento interno e ao mesmo tempo ausência total de recursos para qualquer tipo de investimentos.

Por outro lado, o Estado só tem a sua disposição lançar mão de emissões, uma coisa e outra, o que faz um potencial inflacionário extremamente perigoso. São problemas de natureza estrutural que estão aí como desafio para nossas forças políticas, que terão que repensar os nossos modelos em termo de futuro.

A Escola Superior de Guerra, naturalmente, estudou todos esses assuntos em detalhes e tem repassado todos eles no crivo da análise e do conhecimento.

Espero que esses estudos tenham sido extremamente úteis a todos que tem a oportunidade de frequentar os cursos da Escola Superior de Guerra. Isso, é bom para o Brasil, é bom para o nosso País, e sobretudo coloca à disposição da nossa Pátria recursos humanos pensando e refletindo sobre nossos problemas.

Más a minha palavra final aos senhores é de agradecimento ao senhor comandante da Escola, ao senhor ministro do Estado-Maior das Forças Armadas. De agradecimento pela oportunidade de mais uma vez estarmos juntos. E também uma palavra de otimismo repetindo aquele lugar que já é um lugar comum, que é de que o Brasil é sempre maior do que todos os seus problemas e encontrará solução para eles. E a Escola Superior de Guerra sabe muito bem disto.

## Presidente suspende sua viagem a Roma

O presidente José Sarney não irá mais a Roma, onde participaria, no Vaticano, da cerimônia de nomeação dos novos cardeais brasileiros — D. José Freire Falção, de Brasília, e D. Lucas Neves, de Salvador. A viagem foi cancelada para que o deputado Ulysses Guimarães não precise se afastar da presidência da Constituinte, o que certamente implicaria em mais atraso nos trabalhos, já que se agravaria o esvaziamento do plenário, como temem as lideranças.

Partiu do próprio Ulysses, em almoço ontem no Palácio da Alvorada, o apelo para que o Presidente não viajasse agora. Foi mantida, contudo, a viagem à China, marcada para 3 de julho. Segundo Ulysses, antes disso a Constituinte conclui o primeiro turno de votação, havendo um espaço de oito a 10 dias antes do início da etapa final.